

escolas públicas da cidade de Ilha Solteira/SP. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO: EDUCAÇÃO, TRABALHO E CONHECIMENTO: DESAFIO DOS NOVOS TEMPOS. Pota Grossa, PR, 2010.

Disponível em: <www.isapg.com.br/2010/ciepg/download.php?id=90>.

ANTONI, Edson; ZALLA, Jocelito. **O que o jogo ensina:** práticas de construção e avaliação de aprendizagens em História. In: GIACOMONI, Marcello Paniz; PEREIRA, Nilton Mullet (org). Jogos e ensino de história. Porto Alegre: Evangraf, 2013, p. 147-167.

FORTUNA, Tânia Ramos. **Brincar é aprender.** In: GIACOMONI, Marcello Paniz; PEREIRA, Nilton Mullet (org). **Jogos e ensino de história.** Porto Alegre: Evangraf, 2013, p. 63-99.

MEINERZ, Carla Beatriz. **Jogar com a História na sala de aula.** In: GIACOMONI, Marcello Paniz; PEREIRA, Nilton Mullet (org). **Jogos e ensino de história.** Porto Alegre: Evangraf, 2013, p. 99-177.

A LITERATURA DE CORDEL NO ENSINO DE HISTÓRIA: UM RECURSO PARA ALÉM DO LIVRO DIDÁTICO

Roberto Ferreira

Graduado em História pela Universidade Federal de Campina Grande UFCG CFP/

Cajazeiras PB

robertoferreirarf@hotmail.com

RESUMO

A Literatura de Cordel tem assumido finalidades diversas e significativas. Entre as quais, o poder de emocionar, trazer humor, e de uma maneira que daremos mais destaque, a função de narrar fatos e eventos importantes para a História, e que por sua vez, tiveram suas narrativas transmitidas em versos nos folhetos. Essas narrativas constroem um rico

campo de possibilidades mediante as suas potencialidades didático-pedagógicas, apresentando outras visões da realidade e outras leituras, considerando que este gênero também se apresenta como uma expressão da vida social e neste sentido constrói um importante referencial tanto para a pesquisa como também para o ensino. Diante disto, propomos discutir a literatura de cordel como linguagem no Ensino de História. Para tanto, na construção deste trabalho, buscaremos dialogar principalmente com Melo (2010) e Curran (2003), pensando o cordel em sua historicidade, variedade temática, sua consolidação no mercado editorial e na relação estabelecida com a vida social, e (Pinheiro & Lúcio, 2012) e Grillo (2003), a aplicação do cordel como recurso didático na sala de aula, formas de abordagens e metodologias.

Palavras chave: Literatura de cordel; Ensino de História; Linguagens no ensino.

Introdução

A busca por sugestões metodológicas para o Ensino de História tem sido uma questão presente nas discussões que se referem a esta temática. Neste âmbito, tem-se construído um importante campo de pesquisa que busca dialogar com linguagens diversas e inseri-las em sala de aula, no intuito de melhorar o processo de ensino e aprendizagem da disciplina História.

Neste artigo, enfatizamos a literatura de cordel como linguagem no Ensino de História, capaz de promover a necessária prática da leitura, uma melhor socialização do conhecimento e colocar os sujeitos envolvidos no processo diante de possibilidades outras. Possibilidades eficientes em sua concretude, capazes de mobilizar saberes e descortinar eventos postos por sua vez, à margem da História oficial e do conteúdo selecionado para compor os livros didáticos.

A literatura de cordel se constitui como importante expressão da vida social e apresenta-se como um campo de estudos dos mais promissores. Sua produção é vasta e diversificada, assumindo uma proximidade e intensa relação com o cotidiano e a vida social, abordando aspectos políticos, econômicos, religiosos, assim como também do imaginário e das mentalidades.

As narrativas trazem uma grande diversidade de temas, entre eles, temas importantes para a História, e que por sua vez, causaram inquietações no cotidiano dos poetas cordelistas e foram transmitidos em versos, rimados, ritmados e com uma musicalidade bastante atraente, sendo, portanto, um recurso possível e eficiente também no espaço escolar.

Literatura presente: o cordel na vida social

A literatura de cordel assumiu finalidades diversas, fazendo parte da vida social de muitos sujeitos, se consolidando como uma das expressões culturais mais autênticas do Nordeste brasileiro. Tal como é conhecido em sua denominação, o termo foi empregado inicialmente por pesquisadores tratando-se dos folhetos vendidos nas feiras “[...] em aproximação com os que aconteciam em terras portuguesas. Em Portugal, eram vendidos a baixo preço, pendurados em barbantes.” (PINHEIRO & LÚCIO, 2001, p. 13). Como coloca Márcia Abreu, o cordel português, “[...] abarca autos, pequenas novelas, farsas, contos fantásticos, moralizantes, histórias, peças teatrais, hagiografias, sátiras, notícias... além de poder ser escrita em verso ou sob a forma de peça teatral” (ABREU, 1999,p.21).

O cordel brasileiro apresenta particularidades que o diferencia dos que circulavam na Península Ibérica e outras regiões da Europa. A produção de narrativas nacionais é construída exclusivamente em versos, e encontrou, sobretudo, na região Nordeste, condições específicas, econômicas, culturais, e sociais fundamentais para sua propagação e aceitação, e o estabelecimento de características próprias, passando a ser considerado como o que afirma Roger Chartier, se tratando de uma “fórmula editorial,” que atribui características próprias de confecção e elaboração aos livros (CHARTIER, 1990).

A inserção de novas temáticas e situações, o surgimento de narrativas brasileiras diversificando o leque de possibilidades, a consolidação da cantoria como espetáculo

popular e o início da circulação de impressos nacionais são fatores que contribuíram de forma significativa para a efetivação desta expressão literária, sobretudo no final do século XIX, como afirma (MELO, 2010,p.57).

Segundo a autora:

No Brasil a saga da literatura de folhetos inicia ao final do século XIX, quando os cordéis começaram a ser sistematicamente produzidos e comercializados em larga escala. A afirmação da cantoria como espetáculo popular, o aparecimento de narradores brasileiros que introduziram novas temáticas ao consagrado repertório europeu e a circulação dos poemas através dos jornais propiciaram condições favoráveis para a consolidação deste gênero literário.

Foi no território brasileiro, essencialmente no Nordeste, que se estabeleceram as características que se consolidaram nesta literatura. Considera-se que sua estrutura básica como conhecemos hoje, teve o paraibano Leandro Gomes de Barros como pioneiro, e seguido por uma geração de poetas escritores que mantiveram estas características estabelecidas entre o final do século XIX e o início do século XX, Como afirmam (PINHEIRO & LÚCIO, 2001, p. 15).

As características dos folhetos se definem no período que vai do final do século XIX até as duas primeiras décadas do século XX. Leandro Gomes de Barros inicia a publicação de seus folhetos em 1893 e é seguido por Francisco Das Chagas Batista (1902) e João Martins de Athayde (1908). Neste período se estabelecem as regras de composição e comercialização das obras e se constitui um público.

Com novos aspectos culturais surgem também novas concepções e descrições de fatos que passam a ser agregados aos conteúdos dos folhetos de cordel dando-lhes uma diversidade temática ainda maior. Os poetas se inspiram nos fatos do dia-a-dia, nas histórias contadas, assim como sua escrita também pode abordar fatos sociais, ficção, romance, religião, histórias que trazem em seus enredos uma trama marcada por reis, princesas e cavaleiros, sobre o cangaço, histórias de esperteza, e personagens históricos, como Padre Cícero, Lampião, o Presidente Getúlio Vargas, dentre outros, mantendo sempre uma relação com o cotidiano, identificando-se com o seu público.

A identificação com o leitor/ouvinte é fundamental e, nesta relação, o cordelista põe o seu olhar sobre a sua escrita, já pensando na interação com seu público e buscando uma relação recíproca, necessária à aceitação do seu trabalho como escritor. Para isto, é preciso que o ponto de vista da narrativa seja aproximado do ponto de vista do leitor e consumidor de folhetos de cordel.

Como coloca Grillo (2003, p. 121):

Ao recontarem os fatos apresentados nos jornais, os poetas procuram adequar essas notícias ao universo de valores e crenças de seu público, fazendo com que o ponto de vista do texto possa coincidir com o do leitor, ou pelo menos se aproximar dele. Fatos de natureza política ou econômica são apresentados enfatizando a sua repercussão sobre as camadas populares, compostas no Nordeste de trabalhadores rurais, vendedores dos mais variados produtos, empregados do comércio, etc. Parte mais significativa do público de cordel.

As narrativas em versos com sua riqueza de recursos poéticos, como por exemplo, a musicalidade, o ritmo e as rimas, sua métrica regular e simétrica, podem ter sua trama facilmente memorizada. Isso faz com que também possam ser reproduzidas e recontadas. O cordel quando lido ou cantado em feiras, nos sítios e fazendas prendia a atenção dos ouvintes que, dentre muitos, não tinham o privilégio de saber ler. Em decorrência desta circunstância, a difusão pela oralidade e a memorização se tornou ocorrente. Os folhetos de cordel também assumiram uma função de veículo de informação, sendo, portanto, [...] “supervalorizados a ponto de o gênero ser chamado de o jornal do povo” (HAURÉLIO 2013, p.57).

De todo modo, os folhetos estavam presentes na vida social de muitos sujeitos letrados ou não, em diferentes situações cotidianas, assumindo finalidades distintas.

Segundo Melo (2010, p. 59):

A leitura desses frágeis livros tinha finalidade diversa: ajudavam a aliviar o fatigante trabalho agrícola, estava presente nos momentos de descanso quando as pessoas se reuniam para ouvir as narrativas em

verso, e as “histórias de trancoso”, e com as histórias de ABC, contribuía para iniciar os leitores no restrito universo da escrita. Esta característica da literatura de folhetos – a leitura coletiva em voz alta - contrapõe-se a outras formas de expressão literárias e escritas que é o texto fluído solitariamente e em silêncio.

Ao proporcionar a leitura coletiva e colocar sujeitos em convívio com a escrita e a leitura em comunidades de maioria analfabeta, os folhetos também se tornam facilitadores na alfabetização pelo contato com textos que circulavam. Nesse contexto, o acesso à instrução, entre outras desigualdades entre os centros urbanos maiores e o interior se davam ainda mais acentuadas. Logo, o cordel se efetiva como uma opção mais acessível e de baixo custo e presente no dia a dia do sertanejo.

Este público consumidor do mercado de folhetos se manteve ativo ao passo em que a produção também se mantinha em alta, principalmente nas primeiras décadas do século XX. De certa forma, as atividades econômicas possibilitaram um aumento não grande, mas significativo do poder aquisitivo destes trabalhadores. Pode-se reiterar que o aumento da circulação não foi proporcionado apenas pelo aumento do público ouvinte e que conseqüentemente comprava folhetos, mas sim também por razões econômicas e tecnológicas que surtiram efeito no cotidiano e no universo da literatura de cordel.

As feiras livres tiveram um importante papel como ambiente centralizador para a comercialização de folhetos. O estabelecimento da feira como espaço dinâmico, abre caminho para que muitos sujeitos buscassem na venda de folhetos, o seu sustento diário. No espaço das feiras, os poetas interagiam com o público leitor ouvinte, escutavam os comentários proferidos nas conversas e assim entravam em contato com assuntos de interesse da população, aproximando o pensamento do autor ao pensamento do povo. Nesta dinâmica, os fatos que chamavam atenção, a morte de um político ou religioso, um feito milagroso, entre outros acontecimentos, se transformavam no conteúdo que depois iria preencher as páginas dos folhetos.

Os autores não escreviam sem embasamento, tendo sempre referências locais ou nacionais. Fatos narrados em jornais e revistas, crimes, mortes de pessoas consideradas

importantes, entre outras situações relevantes e cotidianas. Ao escrever sobre o mundo à sua volta, os poetas cordelistas também fornecem um riquíssimo material, também para o estudo de História local.

Apesar das previsões de seu fim eminente, o cordel resiste, e da mesma forma que esteve presente no cotidiano de muitos, ainda pode fazer parte do dia a dia, mediante a troca de saberes sociais que são acumulativos, uma vez que [...] “conserva-se o antigo apesar da aquisição do novo” (LARAIA, 1986, p 40). Além disto, as manifestações culturais se ressignificam, sendo que a cultura é dinâmica e coletiva e, além disso, não é estática. Não se pode perder de vista, nem esquecer que o cordel dialoga com outros suportes e linguagens, o que faz com que suas narrativas sejam materializadas em formatos diversos, como vem ocorrendo; antologias, livros infantis e com o advento das tecnologias digitais, também em aproximação com outros formatos de mídias.

A sua linguagem também está presente na produção cinematográfica e televisiva, no teatro, assim como na vasta produção musical, principalmente no Nordeste. Assim, assumindo uma nova roupagem, a sua relação e identificação com a realidade de muitos sujeitos se mantém.

História e Literatura, Cordel e Ensino de História: Buscando diálogos e possibilidades

A História e a Literatura constituem importantes fontes de conhecimento. De modo que pensar e refletir acerca do diálogo estabelecido entre estas duas narrativas particulares, orienta novas possibilidades de abordagens e interpretações dos eventos históricos.

[...] procuram representar a ação dos seres humanos no tempo e utilizam narrativas para alcançar este objetivo. A Literatura vale-se de narrativas não necessariamente compromissadas com os acontecimentos, mas diretamente interessadas em mostrar como as pessoas concebem, vivenciam, e representam a si mesmas e ao mundo no qual estão inseridas. Ela o faz por meio da retratação de situações apresentadas em diferentes dimensões temporais. A História por sua vez, parte do presente para coletar, selecionar e interpretar fontes do passado com o

objetivo de construir narrativas que se aproximem com maior nitidez do que foi vivenciado por um indivíduo ou grupo social ou pela sociedade (ABUD, 2013, p. 44).

A obra literária não pretende explicar o real, como também, não buscar a comprovação de fatos. Por outro lado, possibilita confrontar-se com a representação de um mundo vivenciado ou idealizado pelo autor de sua escrita. O leitor, Por sua vez, adentra na intencionalidade de apreender esse mundo, construindo sua imagem do representado. Neste sentido, a obra literária configura-se como uma forma de transfiguração deste real.

Como nos diz Pesavento (2006, p.03):

Literatura e História são narrativas que tem o real como referente, para confirmá-lo ou negá-lo, construindo sobre ele toda uma outra versão, ou ainda para ultrapassá-lo. Como narrativas, são representações que se referem à vida e que a explicam. [...] A literatura é, no caso, um discurso privilegiado de acesso ao imaginário das diferentes épocas.

Pensando este importante diálogo e, a partir dele, pensando também a utilização de textos literários no ensino de História, temos na literatura de cordel um interessante recurso, uma vez que apresenta possibilidades didático-metodológicas que são fundamentais para a construção de conhecimentos históricos. O cordel como obra literária também é carregado de historicidade. O poeta lê o mundo ao seu redor pela sua lente própria, seus valores, sua mentalidade, sua “cosmovisão”, como conclui Curram (2003), elaborando uma crônica de sua época.

Segundo Grillo (2003, p.117):

O cordel, que através de suas narrativas conta os acontecimentos de determinado período e de um dado lugar, se transforma em memória,

documento e registro da História brasileira. Tais acontecimentos recordados e reportados pelo cordelista, que além de autor, se coloca como conselheiro do povo e historiador popular dão origem a uma crônica de sua época.

A Literatura de Cordel descreve a realidade social a partir da lente do poeta. Como criações intelectuais, partem de um “lugar social de produção” (CERTEAU, 2015, p. 57), e deste modo, não se desvinculam do seu contexto social, da cultura e da mentalidade. Os folhetos que relatam os eventos e os acontecimentos situados em um dado lugar e em um dado período, por sua vez têm suas narrativas transformadas em memória, em registro do passado, e em documento histórico, possível de serem inseridas em sala de aula, melhorando a prática de ensino e o aprendizado.

Intenciona-se que os alunos compreendam no contato com a literatura de cordel, o quanto que ela representa de possibilidades de se estudar História, facilitando a inserção no pensamento histórico, despertando também o interesse pela pesquisa, de modo que possa desenvolver autonomia intelectual que faça criar análises críticas da realidade social.

Tal recurso deve ser empregado com a finalidade de facilitar o aprendizado e, para isso, é preciso que haja identificação com a linguagem empregada. A inacessibilidade da linguagem, como orienta Bittencourt (2008), pode por em risco o exercício de interpretação da parte do aluno, uma vez que, se carregada de dificuldades de compreensão, causará mais recusa do que curiosidade e interesse. Intenciona-se que a exploração pelos alunos se dê de maneira agradável e inteligível, sendo importante lembrar que “[...] devem ser motivadores e não se pode constituir em texto de leitura que produza mais dificuldade do que interesse e curiosidade.” (BITTENCOURT, 2008, p.33).

Nas aulas de História, a Literatura é uma fonte importante, um recurso a ser trabalhado, pois além de fazer com que a aula se torne empolgante, nos coloca diante de um novo olhar sobre a realidade social, marcada por suas contradições, relações de poder

e relações culturais, colocando a disposição do(a) Professor(a) e dos alunos a oportunidade de desenvolver novas propostas.

Buscar esta articulação entre História e Literatura e levá-la para a sala de aula pode melhorar o processo de ensino e aprendizagem. Configura-se como uma maneira de promover a renovação das práticas docentes exercidas por professores de História no cotidiano da sala de aula, e ao mesmo tempo, estimular a percepção e a curiosidade dos alunos.

A Literatura disponibiliza para a História pistas do real que estão contidas nos textos literários, impressas pelo tempo e pelo espaço. São pistas que revelam histórias tanto individuais, como também coletivas, memórias e representações de um dado momento histórico. A obra literária possibilita mergulhar na representação da realidade passada, percebendo elementos do seu cotidiano, da sua mentalidade e suas manifestações mais subjetivas, fornecendo uma nova e importante leitura da vida social, desvendando suas particularidades.

Trabalhando com as capas

As capas dos folhetos de cordel possuem uma propriedade interdisciplinar, dialogando com linguagens diversas. Compreender o complexo universo das ilustrações das capas de cordel requer um esforço e uma carga considerável de leituras. Ela assumiu modificações ao longo do tempo, porque acompanha as mudanças nas relações dos autores com diferentes contextos sociais e com as linguagens que os representam. Entretanto, as formas de ilustrações conservam a sua finalidade.

Os folhetos que podem ser encontrados atualmente [...] “nas bancas, ou nas próprias editoras, trazem nas suas capas duas formas diferentes de ilustração: reproduções de desenhos ou fotos coloridas (Editora Luzeiro) e xilogravuras de artistas populares.” (PINHEIRO & LÚCIO, 2001, p. 27). A xilogravura assume destaque maior se consolidando como arte popular. Nomes como Minelvino Francisco da Silva, José Costa

Leite, Exedito Sebastião da Silva, J. Borges, entre outros, são reconhecidos pela proeza de retratar à suas maneiras, o sertão, seu cotidiano e imaginário.

O primeiro contato com o folheto de cordel impresso acontece por meio de suas capas. Dois elementos das capas já apresentam uma prévia do que está contido na narrativa, provocando uma primeira impressão, o que era fundamental para a venda dos folhetos. São estes, os títulos dos folhetos destacados nas capas e as ilustrações. O título da obra apresenta a ideia central da narrativa, expõe previamente o tema, ou pode deixar algo subentendido, dependendo da escolha do autor. As ilustrações também denotam uma leitura inicial, pois demonstram intencionalidade, contendo significados que orientaram a sua escolha, o que faz com que possam ser lidas e criticadas também como forma de texto na sala de aula.

A leitura reflexiva em torno da imagem se faz necessária. Como ela dialoga com outras fontes, como o cinema, o texto jornalístico, revistas, entre outros artefatos? O que ela nos diz? Qual a relação com o contexto em que ela foi produzida? O que ela diz dos códigos sociais e culturais? Como diferenciar a forma como o folheto foi ilustrado?

No cordel, as linguagens verbais e visuais se interligam na produção de sentidos. Mesmo que de modo não intencional, na primeira experiência com a leitura de folhetos, o leitor poderá constatar a relação das imagens nas capas com a narrativa dos poemas. A imagem neste sentido pressupõe uma leitura da totalidade do poema e não de estrofes específicas.

Era por meio das capas que os compradores de folhetos, principalmente os sujeitos com dificuldade de leitura ou analfabetos, tinham a primeira noção do conteúdo da narrativa. Nesta relação, as ilustrações, devem ser compreendidas como possibilidades de leituras, produtoras de sentidos, como texto visual.

A respeito do texto visual, a historiadora Ana Maria Mauad argumenta que:

[...] são resultado de um jogo de expressão e conteúdo que envolve, necessariamente, três componentes: o autor, o texto propriamente dito e um leitor. Cada um destes três elementos integra o resultado final, à medida que todo o produto cultural envolve um *locus* de produção e um produtor, que manipula técnicas e detém saberes específicos à sua atividade, um leitor ou destinatário, concebido como um sujeito transindividual cujas respostas estão diretamente ligadas às programações sociais de comportamento do contexto histórico no qual se insere, e por fim, um significado aceito socialmente como válido trabalho de investimento de sentido (Mauad, 1996, p. 8).

Neste sentido, precisa-se considerar que a leitura da imagem nas capas de cordéis não pode ser realizada de forma isolada, a imagem pela imagem e somente, pois são artefatos culturais inseridos diretamente no seu contexto de produção, circulação e recepção. A materialidade do texto visual exige que se busque mobilizar conceitos que sejam capazes de fazer compreender as suas especificidades, seus múltiplos sentidos ainda não descobertos, considerando que “[...] o sentido não está no texto, mas se constrói a partir dele, no curso de uma interação” (KOCH, 2013, p. 30).

As imagens nas capas devem ser compreendidas como meios articuladores de discursos imersos em uma teia polissêmica de sentidos que estão por ser interpretados. Cabe pensar, diante disso, numa leitura atrelada a estudos em torno de sua produção e circulação, assim como também em torno dos diálogos e sentidos construídos, pois as ilustrações, da mesma forma, também produzem linguagens que não se desvinculam do seu contexto de produção. Sendo assim, é necessário ler as capas de folhetos com novos olhares que possibilitem a construção de novas problemáticas que vão além de uma leitura superficial que considera a imagem apenas como ilustração.

Lançar-se sobre estas considerações certamente demanda considerável esforço significativo de quem queira realizar uma pesquisa com imagens. E em sala de aula, no contato com as capas dos folhetos, como deve agir o (a) professor (a) para que os alunos também desenvolvam uma leitura crítica? Como comumente acontece, a descrição dos seus elementos compositivos é o que geralmente nos fornecem quando se pede para que interpretem as imagens. Outro ponto é que são avaliadas geralmente pelo seu caráter

estético. Todavia, o erro no uso da imagem não está apenas nos exercícios que na maioria das vezes apenas descrevem, e não leem as imagens. Pode ser feita uma pausa para que se percebam os detalhes, mas a leitura segue quando se lança o debate. É no debate que se começa a pensar sobre a intencionalidade do autor, e sobre as circunstâncias que aquela imagem representa e sobre as quais foi produzida. É sugerível também que os alunos sejam orientados a pesquisarem se teve circulação em outras mídias, como também imagens relacionadas, para que percebam como dialogam com outros suportes.

Cordel na aula de História

O ponto de partida é a relação com os conteúdos escolares da disciplina História. Partindo do tema, o folheto deve ser apresentado e exposto em sua experiência mais próxima, palpável, por isso a preferência por textos impressos em folhetos, considerando também que as capas serão juntamente problematizadas. Tão importante quanto para se alcançar eficiência na ação, é atentar-se a perceber de forma crítica e reflexiva, o modo como o poeta se coloca e se posiciona diante da História.

Constata Maria Grillo, que “[...] inúmeros são os eventos do século XX contidos nos folhetos que relatam o cotidiano da nossa História e nos quais são dadas representações diversas das contidas nos livros didáticos” (GRILLO, 2006, p. 83). Mark Curran, em *História do Brasil em cordel* (2003) traz uma seleção de textos que narram, em versos, eventos da contemporaneidade dos poetas que tiveram destaque no cenário local e nacional, repercutindo tanto nas mídias jornalísticas da época como também nos conteúdos dos folhetos de cordel. Trata-se de uma história construída poeticamente, por sua vez, à margem da história oficial, mas que apresenta com precisão o registro de fatos da história brasileira.

São de grande importância, os folhetos circunstanciais, aqueles que mais se aproximam com o relato jornalístico. Também encontramos potencial didático pedagógico nos que trazem em seus enredos a temática social, uma vez que encontramos

na literatura de cordel um forte caráter de denúncia. Muitos poetas, através de seus folhetos, alertaram e denunciaram injustiças, problemas políticos, econômicos em âmbito local e/ou nacional. Esta característica específica de muitos folhetos nos coloca também a refletir acerca da realidade de determinada época, com seus contrastes e seus valores em uma linguagem mais aproximada do cotidiano, caracterizando uma nova ótica sobre questões que repercutiram inquietações sociais.

Outra possibilidade são os folhetos que trazem em suas narrativas a presença marcante de personagens históricos. Entre os principais personagens da história nacional, como aponta Curram (2003), estão Lampião, Antônio Conselheiro, Padre Cícero, Getúlio Vargas, Jânio Quadros, João Goulart, Tancredo Neves, entre outros. Vale salientar que a gama de personagens que se destacaram na História nacional e na literatura de cordel é muito vasta.

Utilizar o cordel como linguagem no ensino, requer que se estabeleça uma ação antecipada, um planejamento da ação docente. Ao levar esta linguagem para a sala de aula, [...] “a primeira e fundamental atividade deve ser ler em voz alta. E se possível, realizar mais de uma leitura” (PINHEIRO & LÚCIO, 2001, p.84). Desta forma, se percebe melhor o ritmo, a entonação, a musicalidade da narrativa, além de envolver os alunos numa dinâmica de interação por meio da leitura coletiva. Para o professor(a), é imprescindível que busque conhecer melhor a linguagem utilizada, atentando-se a questões de sua estrutura, da composição de suas estrofes, sua métrica regular e simétrica, assim como o conteúdo dos textos a serem explorados.

As estrofes podem ser escritas em sextilhas, setilhas, sendo estas as mais utilizadas do cordel mais clássico ao contemporâneo, martelos (versos em decassílabos), como em algumas pelejas, podendo assumir outras variações de sua estrutura, alternando a percepção rítmica e musical do poema.

Vejam como exemplo, uma sextilha do folheto “*A História do Capitalismo*”, de autoria do poeta cearense Hamurábi Batista.

O capitalismo é um sistema
Que os meios de produção
Da iniciativa privada
Também a distribuição
Possuem os fins lucrativos
E o poder de decisão.
(BATISTA, s/d, p. 01).

A sextilha é o modelo de estrofe mais conhecida e empregada inclusive por cantadores de viola. São estrofes de seis versos de sete sílabas poéticas e que apresentam rimas somente nos versos pares. Para uma melhor eficiência, recomenda-se a participação de um professor(a) da área de linguagens, proporcionando a construção de uma prática de ensino interdisciplinar.

As narrativas em cordel podem trazer uma melhor socialização do conhecimento e troca de saberes, dialogando com as realidades sociais dos sujeitos envolvidos. Para tanto, deve-se considerar que um procedimento metodológico que venha a orientar o trabalho com o cordel na sala de aula [...] “terá que favorecer o diálogo com a cultura da qual ele emana e, ao mesmo tempo, uma experiência entre professores, alunos e demais participantes do processo” (PINHEIRO & LÚCIO, 2001, p.81).

Diante do breve exposto, podemos constatar que é diverso o campo de possibilidades, e a literatura de cordel se apresenta como um recurso eficiente. O cordel pode promover o diálogo com outros saberes. Saberes que estão no tecer diário das relações sociais e se manifestam de formas variadas. Desta forma, aproxima-se o conhecimento da realidade social do aluno, tornando o aprendizado mais significativo e eficiente, além de prazeroso e melhor socializado.

Conclusão

Podemos considerar que o cordel pode e deve ser inserido em sala de aula no ensino de História, sendo um recurso eficiente, de fácil compreensão, com uma linguagem acessível, atraente por seus recursos poéticos e que é rico de possibilidades pedagógicas.

Suas narrativas discorrem de fatos e eventos considerados importantes para a História, a nível local, nacional e até global, pela forma como o poeta do gênero enxerga o mundo ao seu redor e poetiza a sua realidade.

A Literatura é feita de narrativas que se entrelaçam nos processos de construção da História. Sendo assim, a utilização de textos literários como uma linguagem a ser incluída em sala de aula, dinamiza a construção dos saberes, motivando e melhorando o processo de ensino e aprendizagem dos conteúdos escolares de História.

Na sala de aula, o texto literário pode promover o gosto pela leitura, que por sua vez é uma prática fundamental para se alcançar a autonomia do aluno no tocante à construção de novos saberes. Possibilita a realização de atividades que envolvam a compreensão, a produção textual e ainda promover uma experiência lúdica em sala de aula, enfatizando também, a validade e importância da oralidade e da cultura popular, além de contribuir significativamente com a valorização e democratização das linguagens artísticas.

O livro didático, por sua vez, considerando que seu conteúdo deve ser previamente conhecido pelo professor(a), não deixa de ser um instrumento importante para a atuação docente, no entanto, é possível e recomendável que a partir deste, outras narrativas sejam inseridas, dialogando com outros suportes e tornando o conhecimento uma construção coletiva, além de melhor socializado.

Referências

ABREU, Márcia. **História de cordéis e folhetos**. Campinas: Mercado de Letras, 1999.

ABUD, Kátia Maria; SILVA, André Chaves de Melo; ALVES, Ronaldo Cardoso. **Ensino de História**. São Paulo: Cengage, Learning, 2013.

BITENCOURT, Circe Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2008.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CURRAN, Mark J. **História de Brasil em Cordel**. 2. ed. São Paulo: Editora da universidade de São Paulo, 2003.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da História**. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015

GRILLO, Maria Ângela de Faria. A literatura de cordel na sala de aula. In: ABREL, Martha; SOIHET, Rachel. (orgs). **Ensino de História: conceitos, temáticas e metodologia**. Rio de Janeiro: Casa da palavra, 2003.p 116-125.

HAURÉLIO, Marco. **Literatura de cordel: do sertão a sala de aula**. São Paulo: Paulus, 2013.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villança. **O texto na construção dos sentidos**. São Paulo: Contextos, 2013.

MAUAD, Ana Maria. **Através da Imagem: fotografia e história interfaces**. Tempo, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 73-98, 1996.

MELO, Rosilene Alves de. **Arcanos do verso: trajetórias da literatura de cordel**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2010

PESAVENTO, Sandra Jathy. **História & Literatura: uma velha-nova história**. História Cultural do Brasil - Dossiê História Cultural do Brasil, 2006. Disponível em: <http://nuevo mundo.revues.org/1560>. Acessado em: 18 de abril de 2016.

PINHEIRO, Hélder; LÚCIO, Ana Cristina Marinho. **Cordel na Sala de aula**. São Paulo: duas cidades, 2001.

Folhetos consultados

BATISTA, Hamurábi. **A História do Capitalismo**. Cordel Expresso. s/d.